

**A PORTA, O BANQUETE E OS
PERDIDOS: AS PARÁBOLAS DE
LUCAS E A RECONSTRUÇÃO DA
VISÃO ABRANGENTE DO
BANQUETE MESSIÂNICO**

**THE DOOR, THE BANQUET AND THE LOST:
THE PARABLES OF LUKE AND THE
RECONSTRUCTION OF THE COMPREHENSIVE
VISION OF THE MESSIANIC BANQUET**

***Jhonata Santos de Assis⁵⁴
Romeu Vieira Damacena⁵⁵***

⁵⁴ Graduando em Teologia pela Faculdade Internacional Cidade Viva.
E-mail: jhonata2708@gmail.com

⁵⁵ Graduando em Teologia pela Faculdade Internacional Cidade Viva.
E-mail: romeua4@gmail.com

RESUMO

O Banquete Messiânico é uma figura amplamente conhecida para se referir a história da redenção. Tal banquete, como apresentado em Isaías 25, visa abranger todos os povos da Terra. Entretanto, essa visão abrangente foi suprimida por conta da tradição judaica. Ela retira a visão abrangente, excluindo os povos pagãos, além de impor condições para o ingresso que causam uma estratificação social. Jesus, em seu ministério, por muitas vezes entrou em debate com os líderes religiosos de sua época. Por meio de parábolas Ele redirecionava o entendimento do povo acerca do Reino de Deus. Nosso trabalho tem como objetivo reafirmar a visão abrangente da redenção. Para isso, utilizaremos três parábolas que se interligam a ideia do Banquete Messiânico. Abordaremos o tema sob a perspectiva de Lucas, o evangelista dos gentios. Utilizando-se da técnica de pesquisa bibliográfica e descritiva, chegamos à conclusão de que os ensinamentos de Jesus nos fornecem uma visão mais ampla, sem limitação territorial ou sanguínea em relação ao tema da salvação. A visão defendida pela tradição não só é uma ofensa a Deus e seu Reino mas também é responsável por esconder a realidade judaica de que estão tão perdidos quanto os povos pagãos.

PALAVRAS-CHAVE

Parábolas. Banquete Messiânico; Salvação; Filho Pródigo; Restauração

ABSTRACT

The Messianic Banquet is a widely known figure for referring to the history of redemption. Such a banquet, as presented in Isaiah 25, aims to cover all the peoples of Terral. However, this comprehensive view was suppressed because of Jewish tradition. It removes the comprehensive view, excluding the pagan peoples, in addition to imposing conditions for entry that cause social stratification. Jesus, in his ministry, often debated with the religious leaders of his day. Through parables He redirected the people's understanding of the Kingdom of God. Our work aims to reaffirm the comprehensive vision of redemption. For this, we will use three parables that interconnect the idea of the Messianic Banquet. We will approach the subject from the perspective of Luke, the

evangelist of the Gentiles. Using the technique of bibliographic and descriptive research, we came to the conclusion that Jesus' teachings provide us with a broader view, without territorial or blood limitation in relation to the theme of salvation. The view espoused by tradition is not only an offense against God and his Kingdom but it is also responsible for hiding the Jewish reality that they are as lost as the pagan peoples.

KEYWORDS

Parables. Messianic Banquet. Salvation. Prodigal son. Restoration.

1. INTRODUÇÃO

O Banquete Messiânico é uma das formas mais conhecidas de caracterizar a história da Redenção. A visão inclui o ajuntamento dos servos de Deus espalhados por toda a Terra em um grande banquete oferecido pelo Messias. Estando eles sentados à mesa do Messias em uma grande comemoração por seu retorno triunfal. O véu que encobria a visão das nações e as deixava em sua ignorância quanto a verdade do Reino foi removido. A morte foi destruída para sempre. Por esses motivos há regozijo e alegria no monte do Senhor. Uma visão maravilhosa de estima pelo povo judeu que aguardara ansiosamente pela consumação de tal profecia.

Embora a mensagem abrangente, no sentido de compreender todos os povos e nações da Terra, seja clara, encontramos no Novo Testamento muita resistência oferecida pelos fariseus e mestres da lei sobre o ingresso dos gentios no banquete da salvação. Não é raro ver Jesus proferindo sérias críticas a tradição rabínica judaizante. Por causa dela, os fariseus desenvolveram uma sociedade segregacionada e elitista religiosa. Para eles, a salvação espiritual estava destinada apenas a descendência sanguínea patriarcal excluindo todos os povos gentios da salvação espiritual reservada para os servos de Deus nos últimos dias. Jesus se manteve fortemente contra tais ideais e por meio de parábolas ensinou ao povo as coisas concernentes ao Reino de Deus e sua justiça e graça.

De acordo com a tradição judaica, a salvação era alcançada mediante a observância da lei mosaica. Muitos ainda hoje acreditam que pelo esforço humano, seja ele em cumprir a Lei

ou qualquer outra prática piedosa, é possível alcançar a salvação. De fato, no A.T Deus deu a seu povo a Lei, no entanto, ela é apenas uma sombra do que haveria de vir. A Lei revela a essência do coração humano e assim se torna incapaz de trazer a salvação, ao contrário, ela traz morte. Ela mata pois mostra o diagnóstico do estrago feito pelo pecado em nossos corações. É verdade que a Lei do Senhor é perfeita (Salmos 19) e que bem aventurado é aquele que nela tem o seu prazer (Salmos 1), no entanto, ela não é capaz de fornecer a cura para nossa doença. Ela é incapaz de trazer a salvação.

Entendemos hoje que as Escrituras revelam os mistérios divinos de maneira progressiva, isto é, ela apresenta um tema e conforme mergulhamos na narrativa, livro após livro, revelação após revelação, chegamos ao pleno entendimento. Com o tema da salvação também é assim. Logo após a Queda, Deus inicia seu plano de restauração nos apresentando a primeira fagulha de esperança em Gênesis 3:15 onde “da semente da mulher virá aquele que esmagará a cabeça da serpente”. A semente da salvação foi plantada. Durante todo o A.T podemos observar o regar dessa semente e seu desenvolvimento, no entanto, é somente com a encarnação de Jesus Cristo no Novo Testamento que podemos ver o seu desabrochar. O mistério é revelado.

Nosso trabalho tem como objetivo investigar o contexto histórico narrativo e cultural do ensinamento de Jesus concentrado em três parábolas: “A Porta Estreita”, “O Grande Banquete” e o “Filho Pródigo”. Cada uma destas parábolas se relaciona de maneira especial com o tema do Banquete Messiânico. Analisaremos cada uma delas pela perspectiva do Evangelho de Lucas cuja redação está intimamente ligada ao tema da salvação do gentio. Nossa investigação nos levará a responder duas questões: Como a visão abrangente de Isaías se perdeu? Qual o ensinamento de Jesus em relação a salvação do gentio?

2. QUESTÕES PRELIMINARES: POR QUE LUCAS? POR QUE PARÁBOLAS?

O Evangelho de Lucas possui uma relação especial como tema da salvação. Em primeiro lugar podemos mencionar o fato de ser Lucas o único escritor bíblico não judeu. Lucas era um gentio de Antioquia, sírio de raça e médico de profissão, discípulo dos

apóstolos e cheio do Espírito Santo (KOESTER, 1990, p. 335 op. cit.). Seu escrito tem um cunho apologético que visa testificar os fatos que acontecerá na vida de Jesus (Lc 1.1-4). Ele descreve Jesus como o perfeito Filho do Homem que veio para salvar o perdido demonstrando seu amor como elemento principal do seu escrito (MORRIS, 2006, p. 12).

Podemos ressaltar algumas características particulares do escrito e compará-lo com os demais Evangelhos. Em uma rápida pesquisa podemos constatar que a palavra salvação (*sōtēria*) não é encontrada em Mateus ou em Marcos enquanto é empregada quatro vezes no Evangelho de Lucas. Se acrescentarmos o livro de Atos, encontramos mais seis entradas. Outra característica marcante é a ênfase de sua narrativa em mostrar que esta salvação não é exclusiva para o povo judeu. Lucas se esforça em sua narrativa para mostrar o relacionamento de Cristo não resumidamente a Israel ou ao povo judeu e sim num âmbito mais amplo e internacional. Lucas usa mais do que os outros escritores dos sinóticos a linguagem da salvação tornando esse tema a chave de sua teologia (MARSHALL, 1970, p. 93). Podemos notar essa tônica apenas examinando os primeiros capítulos de seu Evangelho. Maria se refere a Deus como seu “Salvador” (1.47), Zacarias se refere àquele havia de nascer da casa de David como “poderosa salvação” (1.69), quando o anjo anuncia aos pastores o nascimento do bebê na cidade de Davi, Lucas o identifica como o “Salvador” e ainda Simeão se refere a Jesus como o meio de “salvação” que Deus preparou “à vista de todos os povos” (2.30,31). Em Jesus, o tempo da salvação chegou (MORRIS, 2006, p. 34).

Assim como Paulo é figurado como o apóstolo do povo gentio, Lucas se apresenta como seu evangelista. Daí a natureza de sua genealogia, a abordagem para com os samaritanos (9:51-54; 10:30-37), a menção do povo gentio no cântico de Simeão (2:32) e a parábola do fariseu e do publicano (18.9-14). Estes e muitos outros aspectos fazem de Lucas, no Evangelho assim como em Atos, um escritor que se preocupa de maneira especial com o tema da salvação alcançada pelo amor de Deus para com os homens que os chama ao arrependimento (Atos 17:30). Diferente de Mateus, a genealogia de Lucas faz um regresso até Adão, o primeiro homem do qual todos têm uma raiz comum (4.16-30). O fato de Lucas retroceder até Adão em sua genealogia se mostra importante ao levar em consideração seu propósito e teologia. Mateus escreve seu Evangelho de uma perspectiva judaica, seus

leitores eram judeus e por isso a tônica é a realza de Cristo mostrando que Ele pertence à casa de Davi. No que diz respeito a Lucas, a sua intenção é demonstrar que Cristo é o Filho do Homem, descendente de Adão, o filho prometido (Gn 3.15).

Uma grande parte do ensino sobre salvação pode ser encontrado nas parábolas de Jesus. Manson (1959, p. 65) define parábola como sendo uma criação literária na forma de narrativa desenvolvida para retratar uma espécie de caráter por advertência ou exemplo, ou para encarnar um princípio do governo de Deus para com este mundo ou com os homens. Justin Martyr ⁵⁶, comentando sobre as parábolas de Jesus afirma que elas são a Palavra de Deus: “declarações breves e concisas fluíam dele (Jesus), pois ele não era sofista, mas Sua Palavra era o poder de Deus” (ROBERTS & DONALDSON, 1985, p. 18). Kenneth Bailey afirma que os cristãos as tinham como fonte de fé. O autor cita Galeno, famoso médico do segundo século:

A maioria das pessoas é incapaz de acompanhar seguidamente um argumento demonstrativo, por isso elas precisam de parábolas e se beneficiem delas [...] tal como agora vemos as pessoas chamadas de cristãs extraindo sua fé de parábolas [e milagres] e ainda algumas vezes agindo da mesma forma [como aqueles que filosofam] [...] e, na sua veemente busca da

⁵⁶ *Justino Mártir (c. 100-165 d.C.) foi um dos primeiros teólogos cristãos, filósofo, defensor intelectual da fé e mártir. De família pagã de língua grega relativamente proeminente na Palestina, estudou as principais escolas da filosofia grega antiga e helenística e se sentiu particularmente atraído pelo platonismo. Ao mesmo tempo, o estilo de vida altruísta e abnegado dos cristãos que ele encontrou o inspirou a se converter à nova fé. Depois de viajar bastante, ele se estabeleceu em Roma, onde fundou uma escola. Após um debate com um filósofo pagão, ele foi denunciado às autoridades, julgado, condenado e, dada a perseguição oficial dos cristãos, executado. A citação foi extraída de seu First Apology, uma defesa sistemática dos cristãos apresentada como um resumo jurídico ao imperador romano, Antoninus Pius em algum momento dos anos 155 -157 d.C. Parece que Justin compôs o trabalho em resposta direta ao martírio de São Policarpo (69-155 DC), um antigo bispo cristão, teólogo e pai apostólico (alguém que conhecia pessoalmente um ou mais dos apóstolos de Jesus). No trabalho, Justin nega as principais acusações contra os cristãos, de que eles eram ateus, imorais e desleais ao Império.*

justiça, atingiram um nível não inferior ao dos verdadeiros filósofos". (BAILEY, 2016, p. 281).⁵⁷

É de comum conhecimento que as imagens têm capacidade muito mais elevada de se fixar na memória do que ideias abstratas. Desse modo, o exercício filosófico pode gerar conclusões que sejam dificultosas ao entendimento do público amplo. À mente ocidental, a teologia séria é construída a partir de ideias sustentadas pela lógica (BAILEY, 2016, p. 281), assim, as parábolas nos são uma espécie de ilustração, alegoria ou fábula que servem apenas para popularizar uma conclusão de argumentos teológicos expressos em abstrações (BAILEY, 1995, p. 13) agindo como um simples dispositivo retórico pelo qual mentes incapazes de pensamento sustentado podem ser levadas a conclusões que de outra forma poderiam ser alcançadas como resultado de raciocínio lógico (MANSON, 1959, p. 73). Essa linha de raciocínio nos leva a um grande problema interpretativo: a alegorização.

Um das parábolas mais famosas e admiradas pela comunidade cristã é a parábola do bom samaritano (Lc 10. 25-37). Ela é também uma das que possuem muitas formas diferentes de interpretação. Dentre elas, a interpretação de Santo Agostinho é a que mais se destaca devido ao seu alto padrão alegórico. Para ele o bom samaritano é Jesus Cristo, o nosso Redentor que nos encontra quase mortos, cuida das nossas feridas e nos leva a hospedaria (Igreja), oferece duas moedas (sacramentos) ao hospedeiro e promete retornar. A princípio parece ser uma interpretação no mínimo aceitável, entretanto, não pode-se fazer alegoria de cada elemento da parábola. Snodgrass (2010, p. 27) afirma que as pessoas enxergavam nas parábolas elementos da teologia da igreja que guardavam pouca relação com intenção de Jesus ao transmitir aquela história dando a praticamente a todos os elementos um significado teológico. Assim, o homem é Adão, Jerusalém a cidade celestial, os ladrões o Diabo e seus anjos, o sacerdote e o levita são o sacerdócio e o Antigo Testamento, o dia seguinte é o tempo posterior a ressurreição de Cristo, etc. Estabelecer as parábolas de Jesus em uma categoria alegórica não

⁵⁷Nota do livro de Bailey: *Isso é do sumário perdido de Galeno da República, de Platão, preservado em citações árabes. O texto acima é citado por James Stevenson, org., A new Eusebius. (London: SPCK, 1957), p. 133.*

fornece uma forma legítima de interpretação e nos distancia do real significado e da intenção original ao qual foi proferida. Snodgrass afirma que ela (alegorização) obscurece a mensagem de Jesus e a substitui com os ensinamentos da igreja ou de alguma ideologia (2010, pp. 28-29).

As parábolas de Jesus não são “ilustrações” usadas em sermões e diferentemente das fábulas (pura ficção) as parábolas do N.T criam casos analógicos, que não são históricos, mas correspondente ao que realmente ocorre na vida real (MANSON, 1959, p. 58). Ela não é metáfora, ilustração e muito menos alegoria. Todos esses são recursos figurativos que ajudam a condensar, sintetizar e elucidar raciocínios filosóficos empreendidos por meio da retórica podem, e devem ser utilizados, entretanto, eles não possuem o mesmo efeito que as parábolas do N.T. Nesse sentido, por mais engenhosa que seja nossa filosofia, por mais perfeita que seja nossa retórica e por mais clareza que traga nossa ilustração, não serão as nossas palavras que trarão grandes transformações na vida do ouvinte. Somente a Palavra de Deus é capaz de alcançar o coração humano, somente o Espírito Santo é capaz de convencer o homem de seu pecado, somente o Cristo ressurreto pode nos reconciliar com Deus e somente pela Graça divina podemos ser salvos.

As parábolas de Jesus foram responsáveis, pelo menos até o século II, por nutrir a fé cristã. Galeno via que os cristãos construíam sua fé tendo as parábolas como uma fonte. É nesse sentido que alguns estudiosos vêm tentando resgatar essa essência teológica a muito perdida através dos tempos. Se a parábola é entendida como um modo de lançar ideias então esta pode ser descartada a medida em que tenha atingido seu objetivo Bailey (2016, p. 282). Elas “constituem globalmente um compêndio concentrado da mensagem de Jesus” (JEREMIAS, 1986, p. 115) sendo entre elas a presença da salvação, a urgência da hora ao arrependimento, o perigo eminente da condenação, a misericórdia de Deus para com os perdidos, entre outros temas.

Mais importante para nosso estudo diz respeito a parábola do grande banquete (Lc 14). A ideia de um banquete com Deus tem raízes muito profundas no A.T. Era de comum conhecimento entre os judeus que o Messias de Deus, quando viesse colocar ordem no mundo, faria um grande banquete para todas as nações (Is 25. 6-9). Isaías fala de um banquete para todos os povos e nações. Sendo assim, por que a visão abrangente de

Isaías se perdeu? Para responder a tal pergunta precisamos apontar algumas construções textuais que alimentam essa ideia.

3. A CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL EXCLUSIVISTA DO BANQUETE MESSIÂNICO

Em primeiro lugar, precisamos entender o que significa sentar à mesa para a cultura oriental. A mesa representa para um lugar de comunhão. É um lugar de compartilhar não apenas uma refeição atendendo a uma necessidade básica do instinto de sobrevivência, mas também do dia a dia. Um lugar que se compartilha a intimidade atendendo a necessidade relacional do ser humano gerando um ato livre de relacionamento com o mundo. Para o oriental isso também é verdade. De acordo com Jeremias, citado por Bailey (1995, p. 194), no “Oriente, até hoje, convidar um homem para uma refeição é uma honra. É uma oferta de paz, confiança, fraternidade e perdão; em suma compartilhar de uma mesa significa compartilhar da vida”.

Como ainda acontece hoje, as refeições são parte das nossas relações sociais. Negócios, aniversários, reunião de família e amigos etc. Todos os tipos de comemoração e confraternização envolve uma boa refeição. No oriente elas representavam o principal contexto no qual a vergonha e a honra eram determinadas (SNODGRASS, 2010, p. 435). No Mundo Antigo, a vergonha e a honra eram muito mais explícitos que hoje e as pessoas estavam muito mais atentas elas que no ocidente moderno. Mas o fato em Lucas 14.7-14 aponta substancialmente a estratificação cultural dos menos privilegiados. O lugar de coesão e relacionamento passou a ser um lugar de segregação. Assim, a ideia de um banquete com o Messias dá a ideia de refeição um significado mais profundo e “divinizado”.

Apoiando-se em Jeremias, Bailey (1995, p. 163), endossa a ideia de que o tema do banquete se desenvolveu no período inter-testamentário mas de que alguma forma a participação dos gentios foi silenciada. Em “Jesus pela ótica do Oriente Médio”, Bailey (2016, pp. 311-312), desenvolve um grande trabalho em sua investigação para descobrir o motivo de tal silenciamento. Ele explica que depois do exílio babilônico, os judeus que voltaram para a Judéia tinham o aramaico como sua língua comum. As Escrituras escritas no hebraico eram traduzidas de forma

simultânea na hora da leitura nas sinagogas. Ele explica que os tradutores tomavam muita liberdade de acrescentar palavras na tentativa de explicar o que eles entendiam que o hebraico estava dizendo. Uma tradução das Escrituras em aramaico começou a circular próximo aos tempos de Jesus. Essa tradução, *Targum*⁵⁸, seguiu a tradição oral de interpretação dando ao banquete messiânico de Isaías a seguinte tradução:

Javé dos exércitos fará para todos os povos nesta montanha uma refeição; embora eles suponham ser uma honra, será para eles uma grande vergonha, e grandes pragas, pragas das quais eles serão incapazes de escapar, pragas através das quais eles chegarão ao seu fim. (BAILEY, 2016 (apud. Alexander Speber, 1962 p.47-8).

Mekilta Amalek 3.55-57 (sobre Êxodo 18.1) diz que “um homem jamais se associe com um ímpio, nem mesmo com o objetivo de aproximá-lo da Torá”. Pedro confirma tal proibição quando se encontra com Cornélio (At 10. 28). Outro texto importante para nosso entendimento é “A Regra da Congregação” um dos manuscritos do mar morto da comunidade de *Qumran*. Nele encontramos a descrição de um grande banquete entre a congregação judia e o Messias:

Ele virá [a] frente da congregação inteira de Israel com todos os [seus confrades, os filhos] de Arão os Sacerdotes, [os chamados] para a assembleia, os homens ilustres; sentar-se-ão [perante ele, cada homem] na ordem de sua dignidade. (1QSa 2:11-22).

Nesse texto não encontramos nenhuma menção dos estrangeiros. Além de silenciar a participação destes no banquete, o texto ainda exclui um grupo da própria comunidade. Não é permitido o ingresso dos coxos, cegos, mudos, surdos, dos feridos em sua carne com uma mancha visível, entre outros. Tudo isso

⁵⁸ Todas as referências aos escritos rabínicos foram extraídas do Talmude de William Davidson encontradas em <https://www.sefaria.org/?home>

contribui na construção de uma cultura segregacionista que obscurece a visão abrangente de Isaías. Os fariseus não se associavam com os “pecadores”, ou seja, todos aqueles que não se adequavam as suas interpretações da lei e piedade. Faziam isto seguindo, erroneamente, a orientação de Salmos 1.1. Muito menos se sentavam com eles para comer pois sentar à mesa com um pecador é pior que se associar a ele. Assim, todas as vezes que Jesus compartilhava com os “pecadores” e publicanos, acreditavam eles, que Jesus tinha ignorado os limites da pureza ao partir o pão com pecadores. Os grandes padrões de “justiça e retidão” demonstrados pelos fariseus foi duramente criticado por Jesus que colocou em “xeque” a maturidade espiritual daqueles que se diziam “justos (Lc 7. 31-35). Por fora, demonstravam sua vida de piedade seguindo retamente suas leis e rituais. Jesus mostrava que tudo isso não passava de uma religiosidade vazia e sem sentido (ver Lc 18.11-12). O repúdio e desprezo construía uma barreira entre os fariseus e mestres da lei e os pecadores e publicanos. De um lado a soberba da escola farisaica e do outro o medo daqueles que queriam, mas não tinham uma vida com Deus.

A tradição rabínica dos escritos mencionados tem uma grande importância para o judaísmo. Segundo ela, a tradição oral é mais importante que a Toráh: “Meu filho, seja mais cuidadoso na observância dos escribas do que nas palavras da Toráh” (*Erubin* 21b sobre Ec 12.12) e quem a estuda se torna um parceiro em trazer a Presença Divina entre o Povo de Israel” (*Sanhedrin* 99b). Rodkinson (1908, p. 70) afirma: “O Talmude, então, é a forma escrita daquilo que, na época de Jesus, era chamado de Tradições dos Anciãos, e às quais ele faz alusões frequentes”. Finkelstein (1938, p. XXI), comenta: “O farisaísmo tornou-se talmudismo, o talmudismo tornou-se o rabbinismo medieval e o rabbinismo medieval tornou-se o rabbinismo moderno. Mas, ao longo dessas mudanças de nome, inevitável adaptação dos costumes e ajuste da Lei, o espírito do antigo fariseu sobrevive inalterado”. Esses são apenas alguns estudiosos que atestam a autoridade das Tradições Antigas que fora pouco a pouco e ponto a ponto combatidas por Jesus.

Portanto, a tradição oral é responsável por suprimir não apenas a visão abrangente de Isaías como também por formar um exército de hipócritas. Elas são responsáveis por tornar a palavra de Deus infértil (Mc 7.13). Excluindo não apenas judeus e gentios como também é incapaz de salvar suas autoridades religiosas. A salvação pertence ao *SENHOR!* (Jn 2.9). Não é mérito do homem, da

Lei ou da pátria. Ela pertence única e exclusiva a Deus. A visão obscurecida da tradição colocou um pesado sentimento de altivez no coração dos judeus. Uma percepção errônea da salvação que lhes custará o lugar a mesa do Messias.

4. RECONSTRUINDO A VISÃO ABRANGENTE

Com Jesus a realidade era diferente. Todos os publicanos e pecadores frequentemente se reuniam ao seu redor para ouvi-lo. É especialmente notável que Jesus segue o oposto da visão farisaica. Lucas estrutura sua narrativa de maneira a demonstrar repetidas vezes essa distinção. Organizamos aqui essa reconstrução em três passos: a) recuperação da imagem abrangente (a porta estreita, capítulo 13), b) inclusão dos “imperfeitos” da comunidade judaica (o grande banquete, capítulo 14) e c) a realidade da condição judaica (achados e perdidos, capítulo 15). Cada uma das parábolas é contada, conseqüentemente, mediante uma pergunta, afirmação e murmuração. Elas nos revelam quão enraizada estão as tradições na cultura dos judeus bem como a profundidade de arrogância e presunção da liderança religiosa. Jesus responde a cada uma delas trazendo o verdadeiro ensino sobre a salvação ao mesmo tempo que repreende e alerta para a gravidade dos seus erros.

4.1 A PORTA ESTREITA E UMA PERGUNTA “INOCENTE” - LUCAS 13.22-30

No capítulo 13 do Evangelho de Lucas encontramos Jesus a caminho de Jerusalém quando alguém lhe indaga: “Senhor, serão poucos os salvos? A primeira vista, esta parece ser apenas uma pergunta “curiosa” de alguém na multidão, no entanto, o que parecia apenas uma curiosidade foi colocada por Jesus como um importante aspecto pessoal da salvação. Os judeus acreditavam que por serem descendentes carnis de Abraão receberiam a salvação por herança. Assim, a pergunta tinha o objetivo de arrancar de Jesus uma confirmação tal premissa. A resposta do mestre é incisiva e nos revela a natureza exclusiva e inclusiva da salvação. “Muitos ficaram de fora quando as portas forem fechadas e no meio destes estarão vocês” (v. 28), disse Jesus. Contudo,

peças virão oriente e do ocidente, do norte e do sul, e ocuparão os seus lugares à mesa no Reino de Deus (v. 29). Segundo uma opinião amplamente difundida entre os judeus, endossada pelos rabinos, Israel como um todo seria salvo (HANDRIKSEN, 2014, p. 221). Essa postura adotada pelos judeus e endossada pelos rabinos estava agora sendo destruída por Jesus. Ele ensina que a salvação não é de cunho nacionalista e sim espiritual.

O apóstolo Paulo, em sua carta aos Romanos, diz que nem todos os descendentes de Israel são Israel, nem por serem descendentes de Abraão são filhos de Abraão. “Noutras palavras, não são os filhos naturais que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa é que são considerados descendência de Abraão” (Rm 9.6-8). O apóstolo ainda reforça aos Gálatas: “Estejam certos, portanto, de que os que são da fé, estes é que são filhos de Abraão” (3. 7). Abraão foi chamado e por meio dele todas as nações seriam abençoadas. As Escrituras, fala Paulo, prevendo que Deus justificaria o gentio por meio da fé, anunciou primeiro as boas novas a Abraão.

Fica bastante claro, agora, que a curiosa pergunta revela um aspecto basilar da tradição judaica. Jesus difere um golpe no coração do entendimento de salvação instituído a partir das ideias rabínicas. A resposta de Jesus causa um efeito desagradável aos que estão ouvindo: “Ali haverá choro e ranger de dentes, quando vocês virem Abraão, Isaque e Jacó, e todos os profetas no Reino de Deus, mas vocês excluídos” (v.28). A confiança na herança carnal dos judeus agora é posta em terra. Os gentios preencherão os lugares vazios pois a busca externa e a falsa vida de piedade dos judeus os colocarão de fora do Reino de Deus. Jesus está dizendo que os judeus não tinham nenhuma semelhança com Abraão ou com os outros patriarcas, e não tinham o direito de se gabar de serem descendentes deles. Calvino afirma que Cristo garante a eles que uma raça bastarda, que se afastou da fé e piedade dos pais, “não tem herança no reino de Deus” (2009, p. 360). Esse golpe atinge fortemente o orgulho do povo judeu pois afirma que eles não têm parte com Abraão e que os gentios tão desprezados por eles, receberam da promessa que foi feita a ele. A esse respeito Calvino comenta:

Não foi sem espanto que eles ouviram, que aqueles que eram na época estrangeiros, seriam cidadãos e herdeiros do reino de Deus: e não

apenas isso, mas que a aliança da salvação seria imediatamente proclamada, para que todo o mundo pudesse estar unido em um corpo da Igreja. Ele declara que os gentios que vierem à fé serão participantes da mesma salvação de Abraão, Isaque e Jacó. (CALVIN J. , 2009, p. 383).

O que claramente foi anteriormente predito pelos profetas soou de modo estranho aos judeus que limitavam e confinavam Deus ao sangue abraâmico. O profeta Isaías revela a natureza centrífuga da missão do Servo:

E agora o Senhor diz, aquele que me formou no ventre para ser o seu servo para trazer de volta Jacó e reunir Israel a ele mesmo, pois sou honrado aos olhos do Senhor, e o meu Deus tem sido a minha força; ele diz: "É coisa pequena demais para você ser meu servo para restaurar as tribos de Jacó e trazer de volta aqueles de Israel que eu guardei. Também farei de você uma luz para os gentios, para que você leve a minha salvação até aos confins da terra (ISAÍAS 49.5-6)

O texto revela que a missão do Servo repousava em trazer Jacó e reunir Israel a Deus, mas essa missão era pouco, era coisa pequena para ser digna do Servo. Limitar-se a Israel era pouco para demonstrar a grandeza de Deus. Então, continua o texto, "Também farei de você uma luz para os gentios, para que você leve a minha salvação até os confins da terra". Assim, o banquete messiânico é descrito em termos de um grande banquete para todas as nações. Os gentios estão incluídos nele pois o véu que cobria todas as nações será destruído. Esse será o banquete salvífico para todos os povos, a todos os que creem, aos filhos de Abraão por meio da fé. A visão abrangente é sustentada pelo profeta Isaías de maneira clara. Isso demonstra o quão cego se encontrava a tradição rabínica e Jesus recupera não apenas essa visão abrangente como revela a herança da tradição: a exclusão da comunhão com o pai Abraão e com o próprio Deus Pai.

4.2 O GRANDE BANQUETE E A ALEGRIA DE COMER COM DEUS – LUCAS 14. 15-24

Com a parábola do grande banquete Jesus começa a desfazer a ideia segregacionista do banquete messiânico. Como já vimos, na descrição do banquete messiânico nos documentos do Mar Morto, a comunidade de *Qumran* acreditava que não apenas os gentios ficariam de fora mas também uma parcela dos próprios judeus. Para eles todos os que não se enquadrassem na sua ideia de perfeição também não teriam lugar a mesa. Todos os pobres, os cegos, surdos e mudos como também os aleijados e os feridos com marca visível não se sentariam a mesa para o banquete com o Messias. Vejamos um pouco do contexto.

Estando Jesus na casa de um fariseu para um banquete (v.1-14), observou que os convidados procuravam ocupar os lugares de maior honra à mesa. Nessa ocasião, Jesus lhes ensina sobre humildade (v.10) e ainda chama atenção para o fato de que os convites para banquetes eram feitos de modo que aquele que convida também fosse convidado quando seus convidados oferecessem seus banquetes. Dessa forma, o anfitrião buscava convidar somente aqueles que pudessem também convidá-lo. Vendo esta situação, Jesus ensina a convidar os pobres, os aleijados, os mancos e os cegos. Dessa maneira o anfitrião receberia uma recompensa que lhe seria entregue no dia da ressurreição dos justos. O que Jesus introduz nessa passagem é reforçado na parábola e sua íntima conexão com o banquete messiânico é atestada pelo fato do diálogo ter iniciado pela seguinte afirmação vinda de alguém a mesa “Feliz será aquele que comer no banquete no Reino de Deus” (v.15).

A estória que Jesus conta diz respeito de um homem que realizara um grande banquete ao qual muitos foram convidados (v. 15-23). Estando o banquete pronto o hospedeiro envia seu servo para chamar os convidados para a refeição. Os convidados por sua vez, começaram a dar desculpas e não compareceram ao compromisso. Vendo a grande falta de respeito com que fora tratado, o hospedeiro enviou seus servos para convidar todos os que fossem encontrados pelo caminho. Assim, os pobres, os cegos, os coxos e todos os socialmente excluídos foram chamados e indo além dos muros da cidade até os estrangeiros tiveram seu lugar a mesa do rei.

Essa mesma parábola é narrada no Evangelho de Mateus (22:1-14). Existe entre os dois Evangelistas certas diferenças com relação a alguns detalhes. Mateus é mais detalhista enquanto Lucas é mais conciso e breve. Mateus fala sobre uma festa de casamento enquanto Lucas menciona apenas uma grande ceia. O primeiro fala de muitos servos e que alguns deles foram maltratados ou mortos ao passo que Lucas fala de um servo que fora tratado com desprezo. No entanto, os dois tratam exatamente a mesma premissa, a saber, uma censura contra os judeus. Apontando um antigo ditado espartano que dizia que os atenienses sabiam o que era certo mais escolheram não fazê-lo, Calvino afirma que os judeus pronunciavam belas expressões sobre o reino de Deus, mas, quando Deus gentilmente os convidara, eles rejeitaram Sua graça com desdém (2019, p. 140). Deus concedera aos judeus uma honra distinta de todas as outras nações. O povo formado e escolhido pelo próprio Deus recebeu a promessa de comunhão mas recusara a participar dela quando a hora foi chegada.

Tradicionalmente, na cultura do Oriente, um homem só vai a um banquete se for convidado duas vezes. O Dr. Thomson em seu livro "*The Land and the Book*" diz: "Se um *sheik, bei* ou *emeer* o convida, ele sempre envia um servo para chamá-lo no momento oportuno. Esse servo muitas vezes repete a própria fórmula mencionado em Lucas 14:17; *Tefüddülû, el 'asha hâder*. Venha, pois a ceia está pronta" (1871, p. 178). Trazendo para a alusão do casamento, é natural para o Ocidental que os noivos elaborem uma lista de casamento, enviem os convites e no dia combinado os convidados se apresentem. Já na cultura Oriental da época (e em algumas regiões mais conservadoras ainda hoje) o convite é enviado, o convidado confirma sua presença e quando o banquete está pronto é enviado um segundo chamado. Bailey nos traz uma observação importante acerca da cultura oriental. Ele explana que o hospedeiro precisa providenciar a carne para o banquete e que o animal precisa ser morto e cozido de acordo com a quantidade de convidados que confirmaram sua presença, "ele decide matar/preparar uma galinha ou duas (para 2-4 convidados ou um pato (para 5-8 convidados) ou um cabrito (10-15 convivas) ou uma ovelha (se há 15-35 pessoas) ou um bezerro (25-75)" (BAILEY, 1995, p. 171).

O autor ainda expressa que o "Vinde!" (v.4) significa literalmente "continue vindo". Sendo assim, a ação inicial de

aceitação do convite os coloca numa posição de obrigatoriedade a responder ao segundo chamado. Mas não foi o que aconteceu. O texto nos fala que cada um deles se negou a participar da festa dando desculpas afim de justificar a ausência. Se observarmos atentamente cada desculpa poderemos ver que nenhuma delas tem impacto suficiente para justificar a ausência. Quem compra um terreno sem antes visita-lo? E ainda que assim o fosse, qual a urgência de visita-lo nesse exato momento se o terreno estaria exatamente no mesmo lugar no dia seguinte? Com relação aos bois, Bailey (1995, p. 174), explica que existem duas formas de vender juntas de boi no Oriente. A forma mais comum é organizar uma espécie de feira pois nela haverá um espaço reservado para experimentar os bois e constatar se eles podem trabalhar juntos no arado da terra. Quando a venda é feita em um vilarejo pequeno, o proprietário divulga dia e hora para demonstração afim de que os possíveis compradores verifiquem o trabalho dos animais. Ninguém compra uma junta de boi às cegas. Muito embora o recém casado tenha uma razão pela qual recaia uma justificativa aceitável, o texto não nos deixa pistas sobre o tempo de casamento. Sabemos que uma festa de casamento judia dura, após o anuncio da consumação, cerca de 7 dias. Assim, é bastante improvável que houvessem duas festas ao mesmo tempo, pois devido à importância de uma em relação a outra obrigaria os convidados a escolher a que traria mais honra.

Portanto, as desculpas dadas pelos convidados não são justificáveis diante da grande importância do evento. Cristo declara aos judeus que eles estavam tão ligados as coisas do mundo que não tinham prazer em se aproximar de Deus. MacLaren faz uma excelente aplicação:

Todas essas desculpas se referem a coisas legítimas. É perfeitamente justificável que o homem vá e veja o seu campo, perfeitamente razoável que os dez novilhos sejam aproveitados e provados, perfeitamente justo que a doçura do amor conjugal seja provada, no entanto, é perfeitamente errado que qualquer um deles seja colocado como uma razão para não aceitar a oferta de Cristo. (MACLAREN, 2014, p. n.p)

É evidente que o objetivo desta parábola é prever a futura rejeição dos judeus ao Evangelho e o seu desprezo pelos gentios. Eles foram os primeiros a ser chamados e quando os profetas os chamavam ao concerto, vez após vez, se deixavam influenciar pelos desejos e deveres mundanos. O desfrutar de tais coisas é incompatível com o dever que é exigido por Deus daqueles que são salvos. Nós perecemos por causa das coisas lícitas, *Perimus licitis*. "Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas" (1Co 6.12, ARA). Tanto Paulo como Cristo alertaram para a urgência do viver em comunhão com Deus. E não somente eles, os profetas que se levantaram antes deles também apontaram a necessidade de viver com Deus. Mas assim como aqueles que maltrataram os servos do rei, os judeus perseguiram, maltrataram e finalmente mataram os arautos do nosso Deus. Rejeitaram repetidas vezes o convite do banquete do Senhor. Nossos afazeres e deveres, nossas responsabilidades com este mundo devem ser preservadas mas nunca devemos coloca-las acima de nosso compromisso com o Senhor.

Vamos a segunda parte da parábola. O banquete está pronto. A mesa posta. Mas onde estão os convidados? O texto nos fala que ao ouvir a resposta negativa dos convidados o hospedeiro enviou seus servos as ruas e becos da cidade para chamar os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos (Lc 14.21), gente boa e gente má (Mt 22. 10). Ao contrário do que acreditava a comunidade de *Qumran*, o convite foi estendido a todos sem restrições. Não foi limitado a nacionalidade judia muito menos a comunidade de perfeição. Todos os que foram encontrados pelo caminho independentemente de, nacionalidade, condição social, econômica ou física foram chamados e de maneira imediata responderam positivamente ao chamado.

Esse chamado reflete a justiça divina que está intimamente ligada a misericórdia. Os convidados eram indignos, pessoas comuns, discriminadas e que não gozavam da amizade com o rei. Estes rejeitados aceitaram prontamente o convite e ocuparam os lugares. Mas ainda havia espaço. Nesse momento, vendo o rei que ainda havia lugares a serem ocupados mandou seu servo não mais as ruas e becos da cidade mas aos "caminhos e valados" para encontrar mais convidados. Ora, os mendigos, os pobres, os aleijados, cegos e coxos são encontrados dentro de uma comunidade já estabelecida onde se concentram grande número

de pessoas. Sendo assim, “caminhos e valados” se referem aos lugares fora das fronteiras da comunidade, os caminhos que levam a ela e as cercas ao seu redor. O rei enviou seus servos às pessoas estrangeiras, de fora do convívio da comunidade. Aqui não há motivos, embora alguns se levantem contra, para acreditar que essa não seja uma simbolicamente uma extensão do reino aos gentios. Vejamos alguns pontos importantes do ensino de Jesus sobre a oferta da salvação ao gentio.

Bailey (1995, p. 185), traz a nossa memória Lucas 4.25-27, texto onde Jesus faz o uso de duas pessoas que não eram da comunidade judaica (a mulher de Serepta de Sidom e o sírio Naamã) e que receberam a ajuda de dois dos maiores heróis da fé abraâmica (Elias e Eliseu). O autor ainda traz duas outras passagens que demonstram simultaneamente a força centrípeta e centrífuga da missão. A primeira se refere a parábola da “lâmpada” (Lc 11.33). Ela demonstra a natureza centrípeta “para que os que entram possam ver a luz”. Semelhantemente, na famosa sessão do “sal da terra e luz do mundo” a mesma ideia é expressa em Mateus, “assim ilumina a todos os que estão na casa” (5.15). Aqui, mais uma vez a força centrípeta é evidente, no entanto, quando observamos o verso anterior Bailey aponta para fato de que não está escrito “Vós sois a luz de Israel” o que de maneira clara aponta para Isaías 49.6, a luz sobre o monte deve *brilhar para todo o mundo* (centrífuga): “Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte”. O segundo texto (Mt 15.21-30; Mc 7.24-30) nos apresenta, de maneira indubitável, a natureza do ministério de Jesus: “Eu fui enviado apenas às ovelhas perdidas de Israel” (Mt 15.24). Essa é a resposta de Jesus ao pedido de ajuda de uma mulher cananéia. Jesus responde ao seu pedido de ajuda dizendo “Não é certo tirar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos”. A mulher lhe responde: “Sim, Senhor, mas até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos”. A resposta da mulher trouxe grande admiração ao mestre e por causa de sua grande fé, recebeu o que pedirá.

Em adição ao argumento de Bailey, parece ainda mais esclarecedor o texto de Mateus 8.5-13. Nessa famosa passagem bíblica, um centurião demonstra fé que causa uma explícita admiração em Jesus. O centurião pede ao Senhor que cure um de seus servos que se encontra paralisado e em grande sofrimento. Jesus o informa que irá cura-lo. Nesse momento o centurião, cheio de fé e humildade, responde ao mestre que não merece recebe-lo

em sua casa: “Senhor, não mereço receber-te debaixo do meu teto. Mas dize apenas uma palavra, e o meu servo será curado”. Esta demonstração de fé causa tal admiração que Jesus que ele exclama “Não encontrei em Israel ninguém com tamanha fé”. Mas importante ainda para nosso estudo é o que Jesus diz em seguida:

Eu lhes digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e se sentarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no Reino dos céus. Mas os súditos do Reino serão lançados para fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes (Mateus 8. 11-12).

Jesus aproveita para demonstrar que muitos pagãos vindo “do leste e do oeste”, ou seja, do mundo inteiro, viriam a se converter ao Evangelho e seriam salvos, pois estes comeriam a mesa com Abraão, Isaque e Jacó (BARNES, 1833, p. 87). Deus aceitaria a fé deles tão prontamente quanto a fé dos judeus e os reconheceria, com os fundadores da nação judaica, para os privilégios e bênçãos de seu Reino (BENSON, 1846, p. 84). De maneira semelhante a parábola da rede (Mt 13.47-48) demonstra a universalidade da oferta do Evangelho sem distinção e da mesma forma que fomos ofertados ao Reino, também partilharemos da mesma sorte dos que se recusaram. Vale apenas atentar para Calvino quando ele diz que nos dois Evangelhos, Mateus e Lucas, ambos concordam em afirmar que aqueles que não compareceram na hora marcada foram excluídos e privados da honra de estar presentes no banquete. Mas alerta para que essa doutrina está igualmente aplicada a nós:

[...] pois a mesma destruição que Cristo denúncia contra os judeus aguarda todos os ímpios, que se opõem violentamente aos ministros do Evangelho. Aqueles que estão tão inteiramente ocupados com os cuidados terrenos, que não dão valor ao convite divino, perecerão por muito tempo na miséria e na fome. (CALVIN J. , 2019, p. 142)

4.3 OS PERDIDOS E ACHADOS: A ALEGRIA DA RESTAURAÇÃO

Em Lucas 15. 1-7 nos é contada a parábola de um pastor que possuía cem ovelhas. Uma delas acaba se perdendo e ao deixar as noventa e nove, o pastor sai à procura da que se perdeu. A parábola é contada mediante uma acusação feita a Jesus pelos fariseus e mestres da lei. Mais uma vez a questão é a comunhão a mesa com os pecadores e publicanos. Jesus começa seu argumento em defesa de sua associação com tais pessoas lhes proferindo essa parábola. Uma das figuras que se apresentam na estória é a do pastor. Essa é uma figura absolutamente conhecida aos judeus. O próprio Deus é visto na figura de um pastor (Sl 23). Bailey (1995, p. 198) nos diz que simbolicamente, a figura do pastor era nobre, no entanto, os pastores de carne e sangue do século I eram imundos. Snodgrass também nos esclarece usando a tradição rabínica para sustentar seu ponto. A tradição diz que os pastores são considerados ladrões, inelegíveis como testemunhas e semelhante ao cobrador de impostos, é difícil de se arrepender e fazer restituição (SNODGRASS, 2010, pp. 161-2). A intenção de Jesus ao compará-los com um pastor de ovelhas demonstra um ataque direto a altivez dos fariseus com relação ao repúdio as “profissões proscritas”.

O tom que coordena toda a narrativa é a alegria da restauração. O pastor ao encontrar a ovelha perdida com *alegria* a coloca sobre seus ombros e a leva para casa. O fardo de carregar uma ovelha nos ombros por uma certa distância é equiparável a dor que é produzida pelo arrependimento. Quando avaliamos a situação, o nosso estado de pecado e culpa e o processo doloroso que enfrentamos na busca por aceitação e ingresso na comunidade enfrentamos um longo e doloroso processo de restauração. Até recuperar a total confiança de quem amamos, passamos por este processo de arrependimento e restauração onde nossas atitudes serão mudadas e novas perspectivas serão estabelecidas. Até que o vaso seja quebrado e o oleiro o refaça a dor nos acompanha. O que mais nos interessa é a alegria que permeia todo esse processo. O texto diz que o pastor colocou a ovelha em seus ombros com alegria. Essa alegria que acompanha o fardo é tomada por uma perspectiva escatológica. Vivemos a dor do hoje com os olhos fixos no futuro. Com alegria ansiamos pela consumação da restauração. Há alegria ao encontrar a ovelha mesmo sabendo o fardo que existe ao restaurá-la ao seu lugar de

direito. Há alegria na comunidade diante do sucesso da restauração consumada. (BAILEY, 1995, pp. 199-200).

Seguindo a narrativa temos “A Moeda Perdida”. As questões culturais expressam pouca relevância enquanto as teológicas são basicamente as mesmas da Ovelha Perdida. Em primeiro lugar Jesus usa a figura de uma mulher. Assim como o pastor da estória anterior, a mulher está inclusa nos grupos minoritários. O fato de ser uma mulher a figura principal não nos deve causar espanto uma vez que as mulheres ocuparam lugares de destaque no ministério do mestre (Lc 7.36-50; 8.1-3; 10.38-40). Já para os ouvintes de Jesus a questão é diferente. Existia um preconceito institucionalizado pela tradição litúrgica judaica em relação a figura da mulher. Vejamos alguns exemplos.

As “bênçãos matinais”, as quais todo homem deve agradecer a Deus toda manhã, reflete essa institucionalização extrativista. No *Talmud* Babilônico (TB) expressa as três bênçãos no tratado “*Menachot*” 43b cuja inscrição merece destaque:

O Rabi Meir disse: U homem é obrigado a recitar três bênçãos todos os dias louvando a Deus por Sua bondade, e essas bênçãos são: Que não me fez gentio; Que não me fez mulher; Que não me fez ignorante.

Indo ainda mais longe Rav Aha bar diz que a mulher e o escravo possuem o mesmo valor. Em um comentário sobre Deuteronômio 11.19 está escrito que o ensinamento da palavra do Senhor deve ser ensinado aos filhos e não as filhas (*Sifrei Devarim* 46) e ainda mais longe vai o Rabino Eliezer no século I que na *Mishiná*, *Talmude* de Jerusalém (JT), diz que é preferível queimar as palavras da Torá que ensiná-la a uma mulher e quem ensina a sua filha ensina promiscuidade (JT *Sotah* 3.4 e BT *Sotah* 21b). Apesar do explícito preconceito social, a parábola não tem função de cumprir a agenda feminista como muitos o fizeram. Ela demonstra, de maneira análoga, a atitude de Deus em sua busca pelos perdidos.

Deus demonstra seu amor ao buscar diligentemente o perdido. A ovelha se perde, a moeda é perdida. Seja qual for a situação, Deus age como o pastor e enfrenta os perigos do mundo ou como a mulher que mesmo em casa, não se cansa de procurar o que lhe faltava. Tanto o pastor quanto a mulher prefiguram o zelo do nosso Deus para com os seus filhos. Essa é a mensagem das

duas narrativas. Esse é o elemento novo que Jesus introduz aos seus ouvintes. Certamente para eles, Deus se aproximará de quem clamasse por misericórdia entretanto a consciência de um Deus que sai em busca do pecador era inconcebível (BARCLAY, 2001, p. 241). Elas mostram a alegria da restauração. Alegria essa que nos enche e que de maneira semelhante, enche os céus. Deus busca o pecador e essa mesma missão nos é confiada. Independente do como, nossa busca deve ser diligente. Ser uma ponte para a restauração do perdido deve ser nossa maior alegria, é motivo de celebração. Nessas duas histórias Cristo quer demonstrar que “um bom mestre não deve se esforça menos para recuperar os que estão perdidos quanto preservar os que estão em casa” (CALVIN J. , 2009, pp. 271-2). Devemos não apenas tratar os de casa com bondade e apreço como também suportar suas imperfeições e resgatá-los quando se desviarem. Toda a raça humana pertence a Deus e, portanto, devemos trazer de volta os que se perderam e nos alegrar quando os que estavam perdidos retornam ao Senhor. Da mesma forma em que a alegria é demonstrada de maneira exagerada nas duas narrativas (quem faria uma festa por achar uma ovelha ou moeda perdida?), nossa alegria deve superar toda expectativa daqueles que obtiveram a restauração do havia se perdido.

4.4 OS FILHOS PERDIDOS E A RESPONSABILIDADE HUMANA PERANTE DEUS

Nas duas narrativas anteriores temos uma perspectiva divina do amor de Deus, agora, nossa visão nos leva a enxergar o mesmo tema por uma perspectiva humana. A prontidão de Deus em perdoar os pecados e sua diligencia em buscar os perdidos se mostra perfeitamente na imagem do pai. A malignidade e obstinação daqueles que murmuram diante da compaixão divina se configura na imagem dos dois filhos. O primeiro, após sua rebeldia e desobediência, volta ao Pai e alcança a graça divina. A dureza do coração, a falsa religiosidade e a vazia demonstração externa de vida piedosa que encobre a verdadeira essência do coração humano encontra guarida na figura do filho mais velho. Essa é a diferença entre identificação estrita e caracterização. Aqui o pai não é Deus, o filho mais novo não é o gentio e muito menos o filho mais velho os fariseus. Cada um representa uma conduta

diante dos acontecimentos que se refletem a Deus e a humanidade.

A parábola começa com a narrativa de que certo homem tinha dois filhos. O mais novo chega a seu pai e lhe pede a parte da herança a que tem direito. É amplamente difundida a ideia que esse pedido é incomum na cultura oriental. Esse tipo de conduta é um insulto unimaginável ao pai filho e o filho rebelde é digno de pena de morte (Dt 21.17-21). O livro de Eclesiástico (33.20-24) ensina a não entregar a propriedade durante a vida e que somente por ocasião de morte é que deve se distribuir a herança. O desrespeito familiar é levado a sério no mundo antigo. Plutarco (479F-480A, acerca do amor fraternal) diz que não há uma amostra maior de uma natureza ímpia do que a negligência para com os pais ou as ofensas contra eles. No entanto, existe um precedente para que tal pedido ocorra. Na *Mishna* diz:

Se alguém cede a sua propriedade a seus filhos, por escrito, precisa escrever: “desde hoje e depois da (minha) morte”... Se alguém cede os seus bens por escrito a seu filho (para que se torne dele) depois da sua morte, o pai não pode vendê-la, visto que ela já está transferida para o seu filho, e o filho não pode vendê-la, porque está sob o controle de seu pai... O pai pode colher (usufruto) e alimentar dela quem queira, mas o que ele deixar colhido pertence a seus herdeiros (Baba Bathra 8.7)⁵⁹.

Essa nota explica a situação legal da parábola, no entanto, como observa Bailey (1995, p. 214), a ação do filho mais novo vai além dos termos legais. A *Mishna* pode ceder aos filhos os direitos sobre a propriedade do pai, contudo, ela não dá o direito do filho usufruir dela da maneira que bem entende. Sendo assim, o pedido feito implicitamente nos diz que o filho trata o pai como se verdadeiramente tivesse morrido. Isso implica dizer que o relacionamento entre ambos se encontrará profundamente abalado e que tal atitude revela que o filho estava realmente

⁵⁹Composto no Talmude de Israel (c.190 - c.230 dC). Bava Batra (Portão Final) pertence à quarta ordem, *Nezikin* (A Ordem dos Danos) e discute as questões civis, principalmente as leis de propriedade. Possui dez capítulos.

perdido. Além disso, o abandono do trabalho agrícola gerava perda de respeito e assim o filho ainda traz a desonra a casa de seu pai. Outro fator importante que compõe, digamos assim, a índole do filho mais novo se encontra no título que recebe: “pródigo”.

A prodigalidade era um conceito muito conhecido no mundo antigo e a atitude para com os pródigos era muito negativa. Aristóteles em “Ética a Nicômaco” diz que a prodigalidade é o oposto da generosidade e a estes é atribuída a maior vileza. Prossegue Aristóteles: “Realmente, pródigo indica o possuidor de um vício em particular, ou seja, o esbanjamento dos próprios recursos” (2014, p. 145). A Lei das XII Tábuas⁶⁰ do direito romano prevê que “se alguém tornar-se louco ou pródigo e não tiver tutor, que a sua pessoa e seus bens sejam confiados à curatela dos agnados e, se não houver agnados, à dos gentis” (Tábua V,8). Assim, torna-se claro em nosso imaginário que a figura do pródigo representa uma pessoa não apenas indesejável mas sobretudo, juridicamente, incapacitada. Isto implica dizer que o pródigo é indesculpável. O jovem personaliza aquilo que existe de pior para os altos padrões de leis judaicas. Para agravar ainda mais a sua situação, após ter gasto tudo que tinha de maneira irresponsável, após chegar a ruína, desejou comer da mesma comida dos porcos.

A primeira implicação a ser tomada é que o seu empregador era um gentio pois além de ser morado de uma terra distante era criador de porcos. De acordo com lei judaica o porco é indicado como um animal impuro sendo proibido comer deles e mesmo tocar em seus cadáveres (Lv 11.7-8; Dt 14.8). Snodgrass (2010, p. 194) aponta que a Mishna (*Baba Qamma* 7.7) afirma que: “Ninguém poderá criar suínos em parte alguma” o Talmude (*Baba Qamma* 82.b), acrescenta ele, diz: “Maldito seja o homem que procriar suínos”. Além da associação a um gentio o jovem também transgrediu outra lei ao trabalhar cuidando dos porcos o que o torna ainda mais culpado e merecedor da pena de morte requerida pela lei.

⁶⁰ A Lei das doze Tábuas (*Lex Duodecim Tabularum*) 450 a.C constituía uma antiga legislação do direito romano que figurou o cerne da constituição da República Romana. A Lei virá a substituir as antigas leis não escritas e regras de conduta. As leis orais ficavam sob o poder dos pontífices e dos patrícios e geralmente eram executadas com severidade contra os plebeus que não conheciam as leis. Assim, m plebeu chamado Terentílio (em latim: *Gaius Terentilius*) propôs em 462 a.C. a compilação e publicação de um código legal oficial, de modo que os plebeus pudessem conhecer a lei e não serem surpreendidos pela sua execução.

Nesse momento o filho inicia seu caminho para a restauração. Ao cair em si, o filho faz uma auto avaliação de sua conduta, o que Sérgio Queiroz chama de o “Princípio da inspeção detalhada”:

O princípio da inspeção detalhada tem a ver com a coragem de olhar para os reais contornos das nossas ruínas e percebê-las de maneira muito objetiva e precisa [...] É essencial ter a noção da profundidade de seus traumas, quanto eles ainda estão vivos em seu coração, qual é a intensidade do dano que causaram (QUEIROZ, 2015, pp. 80-1)

O filho começa a inspecionar sua conduta, “pequei contra o céu e contra ti”. Em sua inspeção, ele percebe a gravidade de suas ações e incisivamente reconhece que já não é mais digno de ser filho. Sua avaliação o coloca em um estado de total dependência a ponto de pedir ao pai que o trate como um de seus empregados. O filho sabe muito bem que antes de qualquer coisa sua afronta fora contra Deus. Ele, em uma atitude de rebeldia, desobedece os mandamentos instituídos por Deus. Sua afronta contra Deus teve reflexos em seu pai. A consequência de sua desobediência a Deus fez com que seu objeto de desprezo fosse seu próprio pai. Ele entendeu a profundidade de seu pecado e a intensidade dos danos que causaram. Sua inspeção detalhada foi o fruto de seu arrependimento e o primeiro passo ao doloroso processo de restauração. Ele precisaria encarar seus pecados de frente. O filho não ensaiou desculpas afim de justificar seu erro. Pelo contrário, o cair em si, ou voltar a si demonstra um verdadeiro e profundo arrependimento desprendido de justificativa. Voltar ao pai significa enfrentar as consequências de seu erro e em seu caso, a morte. Seu sangue era requerido para satisfazer a lei. Ele precisaria se expor e confrontar os olhares de seus acusadores que tinham todo o direito de julgá-lo. O caminho para a casa de seu pai foi inegavelmente o caminho para sua morte.

Chegamos a mensagem central da parábola. A atitude acolhedora do pai para com seu filho. Contra todas as regras de condutas sócias de alguém em sua posição, o pai vê o seu filho ainda longe e apressadamente corre ao seu encontro e o abraça. O fato do pai sair ao encontro do filho revela a graciosa misericórdia de Deus para com o pecador. O pai ignora toda sua

natureza e direito legal de vingança e corre ao encontro seu filho sem se importar que seu ato inflija sobre ele a vergonha e a difamação que tal ato poderia desencadear. Assim como ele, Deus vai ao encontro do pecador imundo antes de ouvir uma confissão, antes mesmo de o mundo pedir sua vida. Não é um exercício de vontade do pecador que ativa a misericórdia divina. Na verdade, o ato de arrependimento é um presente de Deus e não o fruto de um desejo ou vontade humana (CALVIN J., 2017, p. 280). O filho ganha um abraço do pai, é beijado por ele, depois é lhe dado uma túnica (a melhor), um anel é colocado em seu dedo e sapato para os seus pés. O filho, imerecedor da tamanha *graça*, é recebido de volta ao seu lar. A graça de Deus é demonstrada de maneira assombrosa. Todo o direito de gozar de uma vida ao lado do pai, desfrutando de sua benção e cuidado foi restaurado. Agora o filho que uma vez perdido, foi achado, uma vez morto, reviveu. A alegria é tamanha que uma festa fora organizada para celebrar. O *bezerro* foi preparado. Toda a comunidade foi convidada. Todos estavam alegres com a reintegração de um membro que havia se perdido. Mas ainda falta uma coisa. O pai recebeu de bom grado o filho que havia se perdido, no entanto, a reação de seu filho mais velho não foi a mesma. A murmuração e o desprezo que sentira por saber o motivo de tal celebração revela que ele estava mais perdido que seu irmão.

O filho mais velho se julga merecedor de uma festa por se achar justo pois esteve todo o tempo trabalhando ao lado de seu pai e obedecendo todas as suas ordens enquanto seu irmão não. A sua atitude de indignação diante da festa em comemoração ao retorno de seu irmão é semelhante a atitude dos fariseus e mestres da lei que acusavam Jesus de ter comunhão com os "pecadores". A narrativa lucana não deixa dúvida de que toda a humanidade partilha de uma raiz comum. Todos são filhos do mesmo pai. Todos perdidos e imerecedores de qualquer misericórdia. Todos juntos partilhando da mesma acusação e condenação. A soberba e altivez das autoridades religiosas fizeram com que seus corações se distanciassem de Deus. Mesmo estando tão perto não conseguiam enxergar que suas tradições não produziam bons frutos. Não puderam perceber infertilidade de suas leis e que ao contrário do que pensavam seus caminhos levavam a morte. A parábola é voltada para os acusadores. Aqueles que não exercem nenhuma compaixão, que não usam de benevolência e misericórdia para com os perdidos. Aqueles que

dizem “Afasta-te! Não te aproximes de mim, pois eu sou santo!” (Is 65.5). É a este povo obstinado que Jesus profere a parábola. Esse povo com aparência de piedade, mas que nega seu poder (Tm 2.35), que impõem altas cargas sobre o povo e que eles mesmos não levantam um dedo para ajuda-los (Lc 11.46). Um povo que se aproxima com a boca e honra com os lábios, mas que tem o coração longe do Senhor cuja *adoração* é feita de *regras* ensinadas por *homens* (Is 29.13). Esse povo “justo” que não se alegra com a vida mas que tem prazer no sangue. Que não se regozija com o perdão mas satisfaz com a vingança. Que apesar de toda sua religiosidade, se encontra tão perdido quanto os outros.

A intenção da parábola é demonstrar qual deve ser nossa atitude com a reconciliação e restauração do perdido. O pastor e seus amigos se alegraram. A mulher e suas amigas se alegraram. O pai e seus servos também se alegraram. Mas não foi assim com o irmão mais velho. Essa era diferença entre Deus e os religiosos da tradição judaica. Deus busca diligentemente o perdido e ao encontra-lo com alegria coloca-o em seus braços e lhe restaura a posição de filho. E uma vez restaurado, a alegria é compartilhada por toda a criação. O paralelo da cena final da parábola com a cena inicial da fala de Jesus é quase que irônico. Os fariseus e mestres da lei estavam de fora do banquete e vendo Jesus se alegrando com os pecadores murmuram contra o mestre. Jesus ouvindo sua murmuração, se coloca de fora do banquete e conta-lhes a parábola afim de que cheguem ao entendimento do mistério e caindo em si, cheguem ao arrependimento. Assim, Jesus os convida afim de que tomem seus lugares a mesa. Ele não exclui seus acusadores do banquete, pelo contrário os chama para junto de si dizendo, numa linguagem quase que poética: “Vocês murmuram porque como com pecadores! Venham, pois vocês também são! “. A imagem formada é belíssima. Todos os pecadores reunidos a mesa do messias que aguarda amorosamente que seu filho mais velho se junte a eles. A imagem da misericórdia é explícita. Não há condenação ou separação aqui. Somente união. Assim como houve reconciliação para o filho mais novo existe também para o mais velho. Essa é a terrível realidade dos fariseus e mestres da lei.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A redação lucana não deixa dúvidas quanto a universalização, da reconciliação, restauração e salvação do homem. A ideia absurda da tradição nacionalista e separatista das autoridades judaizantes é combatida firmemente não só por Jesus mas também pelos profetas. Não foi pela sua nacionalidade que Raabe foi poupada do destino de Jericó. Foi pela sua fé que ela se tornou filha de Abraão. Não foi pelo sangue que o centurião chamou a atenção de Jesus, nem foi pela tradição que a mulher cananea obteve o milagre. Foi pela fé que demonstraram. Desde os primeiros tempos após o assassinato de Abel o mundo ficou dividido entre os que buscam e os que não buscam a Deus. Caim, o filho mais velho por inveja matou seu irmão mais novo. É exatamente o filho mais velho que se encontra perdido. Israel se afastou do Senhor e se iludiu com suas leis que não fazem outra coisa senão matar seus irmãos e assim atrair condenação sobre si mesmo. O crime de Caim o afastou da presença de Deus e desta mesma forma se encontra o povo de Israel.

“A porta estreita” revela a altivez e presunção dos judeus e não foi sem razão espanto que tiveram quando Jesus lhes diz que eles ficarão de fora da salvação. O “grande banquete” restaura a visão abrangente da salvação pois todas as nações estarão à mesa com o messias. A salvação vem por meio dos judeus mas não significa dizer que é para eles ainda que tenham parte dela. A parábola dos perdidos é essencial para esse entendimento. Esse povo foi criado para servir de luzeiro para todas as nações afim de que encontrassem em Israel o caminho para Deus. E por esquecerem de sua missão, por acreditarem que estariam em uma posição de conforto, Jesus os diz para se esforçarem afim de que não fiquem de fora. O apóstolo Pedro teve a revelação e seus olhos viram Espírito Santo descer sobre os gentios (At 10. 47). Jesus está dizendo aos judeus “retomem sua missão”. Sejam exemplo. Pois enquanto estão confortáveis, se apegando a linhagem e a falsa piedade, um povo de coração contrito e quebrantado está se sentando a mesa e ocupando seus lugares. Mas ainda há tempo. O lugar de vocês está guardado. Venham! Pois eu sou um Deus misericordioso e estou pronto a ir ao seu encontro.

Essa é a mensagem da salvação de Deus. Um Deus misericordioso e cheio de graça que vai ao encontro dos seus filhos perdidos estejam longe ou perto. Sabendo que estão perdidos ou

não. Pois a verdade é que todos estamos perdidos, todos somos pecadores mas aos servos, aqueles que reconhecem a voz do seu Senhor. Estes serão encontrados.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. São Paulo: Edipro, 2014.

BAILEY, K. E. As parábolas de Lucas. São Paulo: Vida Nova, 1995.

BAILEY, K. E. Jesus pela ótica do Oriente Médio: estudos culturais sobre os Evangelhos. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BARCLAY, W. The Gospel of Luke: the new daily study Bible. Louisville - Kentucky: Westminster John Knox Press, 2001.

BARNES, A. Notes, Explanatory and Practical, on the Gospels: Designed for Sunday School Teachers and Bible Classes (Vol. I). New York: Jonathan Leavitt, 1833.

BENSON, J. The Holy Bible, containing the Old and New Testaments (according to the present authorized version) with critical, explanatory, and practical notes (Vol. IV). New York: G. Lane & C.B. Tippet, 1846.

CALVIN, J. Comentary on a harmony of the Evangelists: Mathew, Mark and Luke (Vol. I). Grand Rapids, MI: Baker Books, 2009.

CALVIN, J. John Calvin's Bible commentaries on the harmony of the Gospels (Vol. II). Altenmünster: Jazzybee Verlag, 2017.

CALVIN, J. **Commentary on a Harmony of the Evangelists, Matthew, Mark, and Luke** (Vol. II). Ingersoll, Ontario, Canadá: Devoted Publishing, 2019.

FINKELSTEIN, L. **The Pharisees: the sociological background of their faith. Philadelphia.** The Jewish Publication Society of American, 1938.

HANDRIKSEN, W. **Comentário do Novo Testamento, exposição do Evangelho de Lucas** (Vol. I e II). São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus** 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1986.

KOESTER, H. **Ancient Christian Gospels: Their History and Development.** Salem, Oregon: Trinity Press International, 1990.

MACLAREN, A. **MacLaren's Commentary (Expositions Of Holy Scripture) 32 Books In 1 Volume.:** An Expositor's Bible Commentary. Fort Collins: Delmarva Publications, 2014.

MANSON, T. W. **The teaching of Jesus: studies of its form and content.** Cambridge: Cambridge University Press, 1959.

MARSHALL, I. H. **Luke: Historian and theologian.** Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1970.

MORRIS, L. L. **Lucas, introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova, 2006.

QUEIROZ, S. A. **Gloriosas ruínas: o caminho bíblico para a restauração.** São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

ROBERTS, A., & DONALDSON, J. **The writings of the fathers down to A.D. 325: Ante-Nicene Fathers (Vols. I, The apostolic fathers,**

Justin Martyr, Irenaeus). Peabody, Massachusetts, U.S.A: Hendrickson Publishers, 1985. Acesso em 02 de mar de 2020, disponível em https://www.ccel.org/ccel/schaff/anf01/Page_415.html

RODKINSON, M. L. **The history of the Talmud: from the time of its formation, about 200 B.C., up to the present time** (Vol. II). New York: New Talmud Publish Company, 1908. Acesso em 23 de mar de 2020, disponível em http://www.come-and-hear.com/talmud/rodkinson_1.html

SNODGRASS, K. **Compreendendo todas as parábolas de Jesus - Guia completo.** Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

THOMSON, W. M. **The Land and the Book** (Vol. I). New York: Harper & Brothers Publishers, 1871.